

UMA HISTÓRIA POR CONTAR

MONICA ALI

UMA HISTÓRIA
POR CONTAR

Tradução de
PATRÍCIA XAVIER



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2012

Para M. M. S.

CAPÍTULO UM

Algumas histórias não devem ser contadas. Outras só podem ser lidas como um conto de fadas.

Certa vez, três raparigas deram uma pequena festa para uma quarta rapariga, que ainda não tinha chegado quando a primeira garrafa de Pinot Grigio já estava vazia. Deixa-me agora levar-te pelo jardim da bonita casa suburbana, nesta rua de moradias separadas por espaços amplos. Olha a bicicleta de criança e o taco de basebol no relvado de cetim, aproximemo-nos da luz acolhedora na janela da cozinha e espreita lá para dentro. Três mulheres, uma morena, uma loura, a terceira ruiva — todas nos seus melhores anos, naquele tempo breve em que a meia-idade é cuidadosamente mantida à distância. Ali estão sentadas à mesa, inocentes da sua irrealidade, alheias à história, respirando ingenuamente.

— Onde andará a Lydia? — suspira Amber, a loura. É um belo pedaço. Traços delicados, vestido com gola Peter Pan, unhas de gel.
— Onde raio se meteu?

— Vamos esquecer estas sanduíches, não é verdade? — pergunta Suzie, a morena. Não teve tempo de mudar de roupa antes de sair. Tem uma nódoa na camisola, molho da bolonhesa que cozinhou à pressa para o jantar dos filhos e da *babysitter*. — E estas *Ruffles* de baixas calorias? Não como disto, nem pensar — diz, afastando a tigela com as batatas fritas.

— Ligo outra vez? — pergunta Amber. — Já lhe deixei três mensagens. — Amber fechou a sua loja de roupa uma hora mais cedo do que o habitual para conseguir ter tudo pronto a tempo.

A ruiva, Tevis, tira do bolso um cristal de forma fálca e pousa-o sobre a mesa.

— Esta manhã tive uma premonição.

— E já foste ao médico? — Suzie, com as suas calças de caqui favoritas e a sua camisola manchada, está sentada como um homem, o tornozelo direito apoiado no joelho esquerdo. Pisca o olho a Amber.

— Podem trocar à vontade — diz Tevis. Veio diretamente do trabalho. Com o seu fato de calça e casaco, o cabelo bem apanhado na nuca e os lábios contraídos, tem um ar quase afetado, o oposto da impressão que gostaria de dar.

— Não estamos a trocar — diz Amber. — Tinha a ver com a Lydia?

— Não especificamente — diz Tevis, num modo que lhe é muito próprio. Une as mãos em concha sobre a pedra.

— Costumas trazer isso contigo? — pergunta Suzie. O seu cabelo é de um tom beringela-escuro, com vestígios de roxo, e tem o brilho de uma coloração recente. Tira uma cenoura do frigorífico e descasca-a para cima da mesa, junto da bela louça com rosas vermelhas e cor de rosa pintadas à mão, dos pires e das requintadas chávenas com pegas tão pequenas que tem de se encolher o dedo mindinho para as segurar, tal como num verdadeiro chá inglês. — Não se preocupem, já vou limpar isto.

— Acho bem — diz Amber, mas começa ela própria a apanhar as cascas. Se Lydia entrar naquele preciso instante, tudo tem de estar perfeito. Sente-se culpada por ter posto Serena e Tyler na casa de amigos, pois sabe que eles teriam gostado de ficar para dar os parabéns a Lydia. E não teria Lydia preferido ver as crianças a ter a mesa posta com todos os requintes? Amber puxa o cabelo para trás das orelhas e tira um fio solto da manga. — Por favor, diz-me que não tinha a ver com ela.

— Oh, que maçada — diz Suzie. — Ela deve ter ficado a trabalhar até mais tarde. Já se sabe como adora aqueles cães.

— Mas porque não atende o telefone? — pergunta Amber.

— Não embrulhei o presente dela. Acham que se vai importar?
— Suzie arranca a ponta da cenoura com os dentes da frente. Tem uns dentes fortes e brancos, mas irregulares, que são como que a afirmação de uma postura.

— Não quero preocupar ninguém — diz Tevis. Volta a guardar o cristal no bolso do casaco. É agente imobiliária e tem de cuidar da sua apresentação. Não pela pessoa que é, mas por aquilo que faz, como tantas vezes diz. Aquela é uma cidade cheia de cétricos, pessoas que entram na maluqueira de comprar tijolos-e-cimento-e-eletrodomésticos em vez de purificarem os seus chacras.

— E não estás a preocupar ninguém, acredita — replica Suzie. Adora Tevis. Tevis não tem filhos, pelo que conversam sobre outros assuntos. Suzie tem quatro filhos e sempre que está com outras mães falam a respeito dos seus filhos e dos filhos delas; quando dão por isso já está na hora de voltarem para casa e de preparar o equipamento desportivo para o dia seguinte. O facto de Tevis não ter filhos fazia que sentissem uma certa pena dela, mas também alguma inveja. E ela provavelmente sentia o mesmo em relação às outras mulheres. Tevis podia ser sonhadora ou exaltada e, por vezes, era uma estranha combinação das duas coisas. E era divertido provocá-la.

— Lembram-se do que aconteceu da outra vez? — pergunta Tevis.

— Da última vez que aconteceu o quê? Que tiveste uma premonição? Mas tem a ver com a Lydia? — Amber tem a certeza de que conhece Lydia melhor do que as outras. Foi quem primeiro se tornou sua amiga, há quase três anos.

— Não sei — diz Tevis. — É um mau pressentimento. Tive-o esta manhã, quando acabei de tomar duche.

— Também tive um mau pressentimento no duche esta manhã — diz Suzie. — Senti que ia comer uma caixa inteirinha de *Pop-Tarts* ao pequeno-almoço.

— Mas há quanto tempo devia ela ter chegado? Valha-me Deus, uma hora e meia. — Amber olha ansiosamente para os talheres de prata para o bolo, dispostos em leque junto do centro da mesa. Estavam quase pretos quando os encontrou na loja de antiguidades na Fairfax, mas depois de limpos ficaram impecáveis.

— E adivinhem — disse Suzie. — Não é que comi mesmo? Toda aquela caixa medonha.

Tevis despe o casaco.

— O ar fica sempre assim antes de uma tempestade.

— Ora — diz Suzie —, está uma noite maravilhosa. Já não vives em Chicago.

— Foi só um comentário — diz Tevis, olhando Suzie fixamente.

— Estás a tentar arrepiar-nos, Tevis. — As sanduíches de pepino já começam a ter os cantos revirados. Amber sabe que foi uma tolice preparar um chá inglês para as sete da tarde, que agora já vai nas oito e meia.

— Muito bem, minha menina, vamos lá saber, da última vez que tiveste um pressentimento... — começa Suzie, no seu habitual tom enérgico, mas interrompe-se.

— Ah, afinal lembras-te — diz Tevis. Volta-se para Amber. — Por favor, tenta não te alarmares. Mas a última vez que tive um pressentimento foi no dia em que o filho da Jolinda correu para o meio da estrada e foi atropelado pela carrinha da escola.

— E tu viste isso? Viste-o antes de acontecer?

Tevis hesita por um instante, depois abana escrupulosamente a cabeça.

— Não. Foi uma premonição geral.

— E isso foi, o quê, há dois anos? Quantas premonições tiveste desde então? — Cada vez mais ansiosa, Amber olha para o bolo de frutos, entronado num prato de vidro, a fazer de centro de mesa. É castanho como lama e pesa uma tonelada. Lydia mencionou certa vez que era o seu bolo favorito em criança e Amber procurou uma receita na Internet.

— Nenhuma — diz Tevis. — Até hoje.

— Nunca têm maus pressentimentos pela manhã? — diz Suzie. — Caramba, eu tenho-os todos os dias.

Amber levanta-se e começa a lavar os três copos de vinho sujos. Precisa de se manter ocupada e não se lembra de mais nada para fazer a não ser telefonar novamente a Lydia. Mas quando Lydia passar pela porta, as ancas balouçando, aquele riso na voz, Amber não quer sentir-se demasiado tola.

— Que se lixe, vou ligar-lhe outra vez — diz, enxugando as mãos.

— Não há razão nenhuma para estar relacionado com a Lydia — diz Tevis, mas quanto mais o repete, mais certa se sente de que a sua premonição tem mesmo a ver com Lydia. Dois dias antes, Lydia foi a sua casa e pediu-lhe para lhe ler as cartas de tarô, algo que nunca antes aceitara fazer. Tevis deitou as cartas sobre a mesa de mosaico, mas depois *Rufus* abanou a cauda e atirou-as ao chão.

— Vamos esquecer isto — disse Lydia, depois de apanhar as cartas e voltando a juntar o baralho. Tevis explicou-lhe que não tinha importância, que se voltasse a deitar as cartas não estaria a diminuir o seu poder. — Eu sei — disse Lydia —, mas mudei de ideias. O *Rufus* fez-me mudar de ideias. Ele é muito sensato, sabes? — Riu-se, mas apesar dos sinos de prata que, como sempre, lhe ecoavam no riso, Tevis apercebeu-se de que havia algo a preocupá-la. Lydia era intuitiva, sentia o que a rodeava e quisera afastar-se das cartas.

— Razão absolutamente nenhuma — reafirma Tevis.

— Provavelmente não aconteceu nada — diz Suzie, e as suas palavras soam como uma tentativa de consolo, o que deixa as três desconfortáveis com o facto de tal consolo ser necessário.

Amber atira o telemóvel para um prato. A chamada foi novamente para a caixa de correio e nem vale a pena deixar outra mensagem.

— Provavelmente levou o *Rufus* a dar um passeio, perdeu a noção do tempo e deve ter-se esquecido do telemóvel em casa. — Amber sabe que é uma hipótese fraca.

— Pode ter confundido os dias — diz Suzie, sem convicção.

— É o aniversário dela, Suzie. Como pode ter confundido os dias? Além disso, quando me telefonou hoje de manhã, disse: «Vemo-nos às sete.» Não houve confusão nenhuma, ela simplesmente... atrasou-se. — Lydia pareceu ausente, ao telefone, pensa Amber. Mas, ultimamente, estava muitas vezes distraída.

— Mas que...? — começa Suzie.

— Bem vos avisei — diz Tevis. — Granizo.

— Mas que...? — diz novamente Suzie, e o resto da frase perde-se sob o ruído.

— Venham! — grita Amber, correndo para a porta da frente. — Se ela chegar agora, não ouvimos a campainha.

Lá fora, no alpendre, escutam o granizo a bater no telhado da senhora Gillot e veem as pedras de gelo a acumularem-se no tejadilho do *Highlander* de Amber e a saltarem no balde de alumínio junto à garagem. O céu cobriu-se de ingloriosas nuvens arroxeadas e o granizo cai num completo abandono, ressaltando, batendo, rolando, fascinante de tão inconveniente. Cai sem parar. As pedras não são grandes, mas a chuva é densa, como arroz branco tombando de uma fenda lá em cima.

— Oh, meu Deus! — grita Amber.

— Olhem-me só para aquilo! — grita Suzie em resposta. Tevis desce os degraus e caminha para o relvado, braços bem abertos, cara voltada para o céu. — Estará a rezar? — berra Suzie, e Amber, apesar da tensão ou talvez por isso mesmo, desata a rir.

Ainda está a rir quando um carro encosta ao passeio; os faróis como que varrem o granizo, erguendo-o numa espessa nuvem branca sobre a rampa de asfalto e empurrando-o na direção da casa. Tevis deixa os braços caírem e corre para o carro, a blusa de seda bege, de agente imobiliária, colando-se-lhe às costas. As outras também correm rampa abaixo. Deve ser Lydia, embora o automóvel não seja mais do que uma forma negra por detrás das luzes.

Quando Esther sai do banco da frente, segurando um presente junto ao peito, abraçam-na num desajeitado círculo de compensação, que dificilmente oculta o seu desapontamento.

Já na cozinha, Amber prepara mais um lugar à mesa. Esther sacode o granizo dos ombros, solta o seu longo cabelo grisalho e abana a cabeça para se libertar de umas quantas pedras de granizo.

— Tinham-se esquecido de que eu vinha, não é? — pergunta, num tom ao mesmo tempo solene e provocador.

— Não! — exclama Amber. — Bem, sim.

— É o que acontece às mulheres — diz Esther. — Chegamos a uma idade em que somos esquecidas. — Não parece nem remotamente ofendida.

Através da sua nuvem de embaraço e ansiedade, Amber sente uma pontada de receio pelo que há de vir, pelo que talvez até já tenha começado, na sua idade, e imagina-se uma mulher divorciada para o resto da vida. Obriga-se a voltar ao presente.

— Sabes, estamos preocupadas com a Lydia. Ela ficou a trabalhar até mais tarde? Não atende o telefone.

— A Lydia tirou o dia — diz Esther. — Mas... Não está aqui? Ninguém responde, enquanto Esther as olha uma a uma.

— Devíamos ir a casa dela — sugere Suzie.

— É melhor esperarmos que pare de chover — diz Tevis.

— Não podemos ficar aqui sem fazer nada — diz Amber.

Sentam-se e entreolham-se, esperando que alguém tome a iniciativa.